

Entrevista com o aficionado Adailton Chiaradia

Nessa entrevista você conhecerá Adailton José Chiaradia. Não é um mero aficionado pelo nobre jogo, muito menos um entusiasta que gosta de participar de torneios. Também não é um mestre, tampouco possui titulação FIDE. Não, nada disso. Adailton Chiaradia é, com toda certeza, sem nenhum tipo de exagero, uma das pessoas mais apaixonadas pelo Xadrez que se pode encontrar. E isso o faz uma figura ímpar no mundo enxadrístico, pois enquanto a grande leva de enxadristas dedica seu tempo para aperfeiçoar seu jogo, Adailton tem todo seu tempo preenchido pelo Xadrez, mas em atividades particularmente dirigidas para saciar sua fome de contato, ou seja, estar perto e envolvido com tudo o que for relacionado com o Xadrez e que possa ser digerido, sentido, apreciado e especialmente compartilhado. Sim, não é uma atividade solitária para um puro deleite individual, mas todas suas criações e conhecimento enxadrístico são compartilhados com os amigos, também apaixonados pelo jogo e, igualmente, cada vez mais maravilhados com sua beleza.

Adailton tem 74 anos e, como ele próprio se define, com um corpinho de 75. Aprendeu a jogar Xadrez aos 12 anos, quando estava no seminário, na cidade de Itajubá, Minas Gerais. Lá permaneceu entre os anos de 1956 a 1960. De corpo franzino, diz que era muito fraco naquela época e, por uma questão de fidelidade, assim continua até hoje. É funcionário aposentado do Banco do Brasil e advogado. Embora não advogue profissionalmente, realiza trabalhos esporádicos na área quando procurado, focando-se na parte argumentativa. Também professor de inglês desde 1969, já tendo lecionado em várias escolas particulares e da rede pública, atualmente ministra apenas aulas particulares como forma de manter-se atualizado no idioma, outra de suas paixões.



Adailton José Chiaradia

Adailton é autor de vários livros relacionados com o Xadrez, entre eles o livro "O Tabuleiro de Sherlock Holmes", uma coletânea de onze contos tendo como tema o Xadrez, contando com a participação do famoso e imortalizado detetive britânico. Na verdade, o livro faz parte de uma trilogia, tendo sido apenas esse volume publicado. Os outros dois, embora já escritos, aguardam o processo de revisão.

Atualmente, dedica-se tão somente para a tradução para o português da literatura sobre Xadrez, trabalho que faz por puro diletantismo. Tendo em seu cartel mais de 40 (quarenta) obras traduzidas, entre elas "Asneiras e Brilhantismos", de Ian Mullen e Moe Moss e também "12 Homens de Ouro" de Irving Chernev, o trabalho sempre continua. A cereja do bolo fica por conta da espetacular tradução do livro "Endgame" de Frank Brady, o qual conta a notável ascensão e queda do mais brilhante prodígio da América, Bobby Fischer. Uma tradução extensa, bem elaborada e com acerto das expressões idiomáticas, a qual quem escreve essas linhas teve o privilégio e o prazer da leitura. Conta que acabou de adquirir a mais recente obra de Jan Timman, "My World Champions", a qual começara a traduzir a partir de janeiro de 2018.



Adailton, em sua residência, trabalhando na tradução de "American Grandmaster", de Joel Benjamin - Dez 2017

O envolvimento, a história e a paixão de Adailton pelo Xadrez vêm de longa data, muito antes dele fazer parte do famoso Clube Itajubense de Xadrez. E de longas distâncias também... Conta com satisfação que já teve a honra de ter sido apresentado a Anatoly Karpov, em New York, durante o match contra Kasparov e, nessa mesma oportunidade, também a Mikhail Tal. O site P4R, através de seu editor, Eduardo Esber, teve a honra e o privilégio de entrevistar esse verdadeiro insigne dos tabuleiros, um eterno apaixonado pelo jogo que, quando ouviu seu entrevistador dizer que morreria se ficasse sem jogar Xadrez, respondeu dizendo que a simples idéia de ficar sem jogar já lhe é mortal, que lhe causa calafrios só de pensar que não terá mais a emoção de um final difícil. Vamos conhecer um pouco dessa lenda do Xadrez...

01- Atualmente, qual é a sua relação com o Xadrez? O que faz? Participa de torneios ou é somente um apreciador?

Já participei de muitos torneios pelo país afora, mas abandonei a carreira há 21 anos. O último, foi em 1996. Nada de muito destaque, a não ser o prazer de jogar partidas com um adversário completamente estranho. Atualmente dedico-me tão somente à tradução de literatura do jogo. E a faço por puro diletantismo, pois bem sei da imensa dificuldade em ter uma obra traduzida publicada no país, o que, reconheço, é tremendamente deplorável. Há uma editora nacional especializada em livros de Xadrez. Mandeí a ela excertos de algumas obras belíssimas, não pela tradução, que nada mais é do que a versão do original, mas pelo conteúdo das obras em si. Nunca mais tive notícia de minha remessa...



02- Poderia nos dizer o nome de todos os livros que já traduziu para o português?

É difícil responder a esta pergunta, pois eu tenho mais de 40 livros traduzidos, o que pressupõe uma relação monótona de títulos... Há, no entanto, alguns que me cativam em demasia e vou citá-los: ASNEIRAS E BRILHANTISMOS, de Ian Mullen e Moe Moss; 12 HOMENS DE OURO, de Irving Chernev, BOTVINNIK, Campeão do Mundo – sua vida e partidas, de Andy Soltis, autor que conheço pessoalmente, TAL, CAMPEÃO DO MUNDO, de vários autores espanhóis e, como cereja do bolo, o livro escrito por Frank Brady, amigo de infância de Bobby Fischer, o best seller ENDGAME (FINAL DE PARTIDA) - a notável ascensão e queda de Bobby Fischer, o mais brilhante prodígio da América, à beira da loucura. Resumindo sua pergunta, são mais de 40 livros, de biografias, torneios, finais, problemas... Não gosto de traduzir teoria, pois é cansativa. Prefiro o lado lúdico da obra, que me encanta porque tento resolvê-lo também. Milagrosamente, por vezes o consigo...



03- Sabemos que você também é autor de vários livros sobre Xadrez, envolvendo histórias e contos. Quais são eles?

O primeiro livro de minha autoria foi uma tentativa ousada de mostrar algumas partidas que me cativam: TABULEIRO ZERO, um título com um laivo de falsa humildade... Tive um conto de Xadrez, publicado nos Estados Unidos, que traduzi e apareceu num site de Xadrez da Washington. Outra obra é CANTOS DE CAÍSSA, uma coletânea de crônicas do jogo. Um livro que me diz muito é O TABULEIRO DE SHERLOCK HOLMES, com 11 contos de Xadrez e com o grande detetive de Doyle – são 3 livros e apenas o primeiro foi publicado. Não tive ainda tempo de revisar e mandar os outros dois. Finalmente, um título prosaico que muitos usam é “LEMBRANÇAS DE UM GRANDE MESTRE”... E ando pensando seriamente em escrever um com o pomposo título “LAMBANÇAS DE UM CAPIVARA...” Não é à toa que gosto que me chamem de GMI, o que, claro, significa Grande M de Itajubá... E fiquem à vontade para interpretar o significado de M...



04- Conte um pouco sobre os eventos enxadrísticos onde já compareceu e o que desempenhou neles.

Quando fui presidente do Clube de Xadrez de Itajubá consegui trazer duas celebridades nacionais para simultâneas: Hermann Claudius, então campeão nacional, irmão do Dirk Dagobert, e Helder Câmara, que, a par da simultânea normal, jogou 3 partidas às cegas, em outro evento, ganhando todas.

Em 1979 fui ver de perto o INTERZONAL DO RIO DE JANEIRO, disputado no Copacabana Palace. Graças à amizade com alguns dirigentes, recebi o crachá de “jornalista”, o que me dava amplo acesso a todos os eventos, sem maiores restrições. Foi quando conheci algumas sumidades, entre as quais cito Tigran Petrosian, Jan Timman, Pal Benko e outros mais.

Quando Yasser Seirawan esteve no Brasil, para um match com o Mequinho, tão logo terminada a competição, que ele, Seirawan, ganhou, com 1 vitória e 5 empates, no dia seguinte ele daria uma simultânea, em que participei. Na véspera, no jantar, eu fui o intérprete do mestre americano. Perguntei a ele qual seria seu lance inicial na simultânea do dia seguinte. Diante de um 1. d4, sua resposta, mostrei meu descontentamento, pois esperava uma Rui Lopez venenosa. No dia seguinte, quando ele se aproximou de meu tabuleiro para seu primeiro lance, teve a delicadeza de me perguntar: “O que você quer que eu jogue?”. Eu, naturalmente, disse-lhe que ficasse à vontade. Recebi um 1. d4 e abandonei no lance 36... Tenho certeza de que se ele tivesse jogado 1. e4 eu teria durado muito menos...

Em 1991 estive em Nova York, para o match Kasparov x Karpov, primeira parte, pois a segunda foi em Lyon, França. Como sou amigo do então Diretor Executivo da Federação de Xadrez dos Estados Unidos (USCF), Al Lawrence, na cidade de New Windsor, e como eu estava ali na qualidade também de “jornalista”, graças à indicação de meu amigo Dirk Dagobert, que tinha a revista JOGO ABERTO, eu recebi também o crachá da imprensa, o que me deu total acesso a todas as facilidades do evento. Podia entrar e sair da sala de jogos, quando os espectadores tinham que pagar 100 dólares para assistir ao combate do dia, usar todas as facilidades eletrônicas etc, etc... Foi quando eu tive a grande honra de ter sido apresentado a Anatoly Karpov - não ao Kasparov, que não olha pra ninguém - que tinha uma mãozinha bem lisa, o que é perfeitamente compreensível, pois passou a vida apenas mudando peças, Samuel Reshevsky, mais baixinho do que a esposa e que ao saber que eu era brasileiro me disse: “*Já joguei lá... É uma cidade que tem uma montanha no fundo*” - eu acho que ele estava trocando Petrópolis pelo Rio, pois jogou no Interzonal petropolitano em 1973 - Lubomir Ljubojevic, que depois de me dar um autógrafo perguntou: “Consegue ler isso?” – e eu maldosamente respondi: “Não...” – e outras figuras internacionais, Geller, Spassky.

As partidas do mundial eram disputadas durante a semana. Nos domingos, havia no local, um hotel da Rua 43, com entrada pela Times Square, um torneio intitulado AMERICAN VERSUS REST OF THE WORLD, onde os mestres americanos jogavam relâmpago, melhor de 3, com um mestre internacional. Lá estava eu, vendo Seirawan surrar Spassky, quando meu amigo americano me arrastou para conhecer MIKHAIL TAL! Foi muita emoção, ao vê-lo ali, de pé, na minha frente. Cumprimentei-o e senti que ele realmente tinha apenas 3 dedos na mão direita. Mas eram 3 dedos que valiam por 10 quando movia as peças mágicas no tabuleiro. Tal tinha, na época, 54 anos. Faria 55 uns 15 dias depois, mas estava tão envelhecido que fiquei penalizado. Na verdade, parecia um ancião com mais de 90 anos. Morreu no ano seguinte, em 28 de junho de 1992.

Finalmente, em 1996 fui ao Hotel Sheraton, em Londres, para assistir a um evento que se tornara famoso: LADIES VERSUS VETERANS, ou seja, 6 jogadoras contra 6 jogadores. Vi Portisch, Smylov, Spassky, Taimanov e mais dois que não me lembro enfrentando algumas “ladies” do mundo do Xadrez, inclusive uma chinesinha que era então Campeã do Mundo, e Sophie Polgar, a irmã do meio do famoso trio Polgar - embora ela tenha sido surrada por Taimanov naquele dia, sorte dele que a adversária não fosse Judit... Estas foram as mais interessantes experiências que tive até hoje e as guardo com muito carinho. Especialmente um acontecimento: no Hotel MackLowe, em Nova York, onde se desenrolava o campeonato do Mundo KxK, a sala de imprensa ficava no oitavo andar e os dois mestres jogavam no Hall. Um dia, entrei no elevador para descer e de repente entra também Tal. Ali ficamos os dois, em silêncio, na longa jornada de alguns segundos e, quando a porta se abriu, ele foi o primeiro sair....Aliás, eu já esperava isso, que ele fizesse o primeiro lance, pois mesmo se estivesse jogando de Pretas, comigo, teria o privilégio do primeiro lance...



05- Há vários anos, quando os primeiros computadores de Xadrez foram lançados no mercado, você era conhecido por possuir modelos importados, inclusive um que movia as peças sozinho. Ainda possui essas ou outras relíquias do Xadrez?

Eu sempre tive a saudável mania de ter computadores de Xadrez, desde seus primórdios até as formidáveis máquinas da atualidade. Tive todos eles, de todas as marcas, que eu trazia dos Estados Unidos. Certa feita, tive até problemas na alfândega, pois na minha bagagem estavam apenas 6 máquinas diferentes... E como explicar ao fiscal que eram meu remédio, para consumo diário?

Eu gostava de dar simultânea aos computadores!! Eram adversários que não me incomodavam, apenas me surravam... E eu, masoquista, por mais que apanhasse, não aprendia nunca, pois repetia sempre a dose...

Com o advento dos computadores com programas de Xadrez, hoje tenho apenas programas... E aí, meu caro, o buraco é mais embaixo! Já imaginou o que é enfrentar um Houdini? Um Rybka? Um Fritz? Um Komodo? É um massacre de serra elétrica! Se eu já apanhava das antigas máquinas - ok, convenhamos, a bem da verdade de vez em quando eu conseguia ganhar umazinha - hoje sou vítima de um tsunami de peças de todas as cores.

Enfim, quando perguntaram a um GM se havia um jeito de enfrentar um computador, sua resposta foi a mais honesta possível: - Sim, com um martelo!

A mim, porém, o que importa é a emoção do jogo e ver o brilhantismo das combinações perfeitas. Submeto-me à tortura e saio feliz pela lição. E andam dizendo por aí, os entendidos da matéria, que logo, logo um computador vai ter o estratosférico rating de 3.300 e desafiar TODOS os GMs que, juntos, serão competentemente surrados numa partida de consulta... E eu, um modesto e feliz capivara, vou rir às bandeiras despregadas...



06- Sinto-me na obrigação de lhe informar que, exatamente nesse mês de dezembro, foi apresentado um programa (cogita-se que possua um rating ELO superior a 5000) que, num match de 100 partidas, surrou o campeão mundial da modalidade, o poderoso Stockfish, vencendo 28 partidas e não perdendo nenhuma. Você acha que já podemos dizer que temos dois tipos de Xadrez, o humano e o cibernético?

Claro que, nesta altura dos progressos cibernéticos, já temos dois tipos distintos de Xadrez. Um programa com um rating superior a 5000? Isso não é ficção científica: é simplesmente um terror avassalador e invencível. Você conhece alguém que possa enfrentar um computador moderno e derrotá-lo? Não existe. Eu acho que a pergunta é saber quem dura mais numa partida...

Já li comentários do próprio Kasparov criticando alguns lances que ele considera "de computador". Mas ele mesmo foi vítima do famigerado DEEP BLUE, da IBM - e seria, no caso, a sigla para "Invencible Beast Machine" / Bestial Máquina Invencível? - E, na verdade, um rating de tamanha monta não fica estático - estará subindo, sempre e sempre, e sem necessidade, convenhamos.

Qualquer rating cibernético, acima do de um humano, já é uma demonstração cabal de superioridade invejável. E não adianta espernear e fazer guerrinha de nervo - a máquina, fria, assassina profissional, não se intimida e é implacável, tem o instinto da maldade embutida nos seus neurônios elétricos... Também pudera, analisando 200 milhões de posições/segundo, o quê você esperaria de um eventual resultado? Só torcer para morrer sem muita dor... A única vantagem que vejo, num duelo mortal com esse inimigo demoníaco, é que podemos, num acesso incontido de fúria e frustração, e sem que ninguém esteja olhando, apertar um pequeno botão - o de desligar - e ir chorar no banheiro...

Sim, meu caro, já temos dois tipos de Xadrez, e azar o nosso que, na procura da perfeição no tema, carregamos o genes de humanos...



07- Em seus 74 anos, sendo 62 deles vividos depois de ter tomado o veneno pela primeira vez (aprendeu a jogar com 12), conte-nos o que o Xadrez acrescentou ou modificou em sua vida. Valeu a pena?

Pergunta inteligente a sua. Na realidade, é mesmo um doce veneno nosso jogo. Já foi tido como doença e acho que é incurável...

Aprendi-o com meros 12 anos, quando então seminarista. Ali, o estudo era sério em demasia. Veja, como um moleque de 12 anos eu já estudava 5 línguas - francês, inglês, latim, grego e português - e isso num nível invejável, pois 4 anos depois eu o falava bem. Foi quando me ensinaram os movimentos do Xadrez. Claro que, no início, era apenas uma curiosidade a mais para um moleque, que não ligava muito para o tema, jogando displicentemente, sem conhecimento de teoria, sem saber sequer o que era abertura.

Depois que saí do seminário, passei um tempo enorme - anos a fio - sem sequer olhar para o tabuleiro. Que desperdício! Que desperdício! Não me lembro bem, mas voltei a jogar, no mesmo e lamentável nível de sempre. Havia um jogador aqui em Itajubá, certamente o melhor jogador da cidade, de relativa fama e competência - e você o conhece: Luiz Marino dos Santos. Toda vez que eu jogava com ele, era uma brincadeira de gato e rato... E imagine quem era o rato na história? Jogando 10 partidas com ele, eu perdia 11.

Resolvi, então, melhorar meu nível, pelo menos para enfrentá-lo numa partida mais longa. Comecei a estudar aberturas, comecei a ver partidas de Mestres, a resolver problemas de mate, finais... E o amor ao jogo cresceu - ou, melhor ainda, nasceu o amor ao jogo, nasceu forte e nunca mais me abandonou. E cresceu também a qualidade das partidas. Imagine minha alegria quando consegui vencer meu ídolo... Naquele momento, eu mais do que vi, senti que eu era o Campeão Mundial de Minha Rua...

E o Xadrez, meu caro, só tem me dado alegrias renovadas. A cada partida, cada final, problema que eu consiga resolver, sinto-me grato por ter conhecido e amado o Xadrez. Infelizmente a vida é curta para o xadrez... mas isto não é culpa dele, é dela...

Não sei se o xadrez aumentou minha visão, meu poder de concentração, o diabo a quatro, mas digo, de cátedra, que ele me deu e dá um prazer enorme, um remédio que tomo em doses exageradas todo dia, um veneno doce que desce suave e com gosto de quero mais. E eu tenho um prazer exclusivo, que transformou-se num vício incurável: a tradução de livros de Xadrez. Como eu lhe disse, já traduzi mais de 40 obras. E muitas outras estão na fila.

Neste mês, dezembro de 2017, por exemplo, acabei de receber mais uma obra, em inglês: o livro de Jan Timman - que conheci pessoalmente no Rio de Janeiro, em 1979, quando do Interzonal e que, por coincidência, faz aniversário no mesmo dia comigo. Uma obra - "My World Champions" - de fôlego e, pelo pouco que li, promete uma viagem de emoções fortes e duradouras. Início sua tradução agora, em janeiro - manuscrito primeiro, depois computador. Sinto uma alegria imensa ao ver o progresso da tradução, preenchendo cadernos e mais cadernos, revendo as partidas, tentando resolver as questões. Não troco esta emoção por nada.

Resumindo sua pergunta: o Xadrez só me trouxe alegria, mesmo quando sofro um mate açucarado; e quando consigo dá-lo, então, aí sim fica confirmada minha condição de Campeão Mundial de Minha Rua...



08- Essa pergunta não é nenhum tipo de clichê, mas não há como entrevistar uma pessoa tão entendida e aficionada no tema sem fazê-la. Em sua opinião, quem foi, ou é, o maior enxadrista de todos os tempos e por que?

Evidentemente que tal pergunta não poderia faltar. Este é um tema fascinante, pois há várias respostas e todas dignas de consideração. Há tempos eu escrevi uma frase, sobre o Xadrez, que considero muito oportuna e verdadeira: "Se você quer emoção, coloque Xadrez na sua vida; se você quer muita emoção, coloque vida no seu Xadrez".

Assim sendo, meu jogador favorito, aquele que me dá calafrios e fazem os pelinhos da nuca se arrepiarem, é Alexander Alekhine. Pode não ter sido o maior, mas é o que me encanta. Foi um homem, nascido em 1892, sem moral, de vida desregrada, morrendo na miséria num hotel de quinta categoria em Portugal, mas ao sentar-se ao tabuleiro, era um Rei poderoso. Esse homem tinha um amor imortal pelo jogo e sentia-se diferente do ser humano comum, em 1946, ainda Campeão do Mundo. Ao atravessar uma fronteira, quando lhe pediram o passaporte, declarou, numa demonstração de um orgulho que beirava o irracional: "Eu não preciso de passaporte. Sou o Campeão Mundial de Xadrez". Isto me lembra outro gênio - literário - Oscar Wilde, que ao passar pela alfândega nos Estados Unidos, quando perguntado se tinha algo de sua posse a declarar, respondeu: "Só uma coisa: meu talento..." E, claro, foi um imortal no tabuleiro. Quem diria, em 1927, que ele derrotaria o imbatível Capablanca, num match pelo Título Mundial? Creio que apenas ele tinha tal certeza e a provou de maneira soberba, num placar de 6 x 3 e 34 empates. Ele disse, antes do encontro em Buenos Aires - quando Capablanca estava no seu auge, tendo acabado de vencer um torneio fortíssimo em Nova York - "Acredito que Capablanca vá ganhar uma ou duas partidas, mas jamais me passa pela cabeça que ele consiga me derrotar 6 vezes" - 6 vitórias era o placar para ganhar o título. E ganhou logo a primeira partida, mostrando o que viria pela frente... Aliás, ambos tornaram-se inimigos mortais, até o fim da vida, numa inimizade que se tornou lendária. Num torneio na Holanda, os dois se recusaram a ficar no mesmo hotel, que estava reservado para os jogadores. Temperamentais os meninos, qualidade de um Grande Mestre de Xadrez.

Tenho um livro monumental sobre ele: ALEXANDER ALEKHINE'S CHESS GAMES - 1902-1946. Um livro literalmente de peso - quase 2 Kg - coletado por Leonard M. Skinner e Robert G. P. Verhoeven, trazendo 2.543 partidas do Mestre. São 1868 diagramas! A pergunta, então, sobre quem foi o maior jogador do mundo, cada um tem seu favorito e respeito a escolha de todos, mas sou fiel e tenho como ídolo Alexander Alexandrovich Alekhine. Morreu prematuramente, aos 53 anos - Capablanca também morreu com 53. Só faltou a Alekhine, que tinha tanto amor ao jogo, que morresse aos 64 anos de idade, tal como dois Campeões Mundiais o fizeram: Wilhelm Steinitz - 1836/1900 - o primeiro Campeão do Mundo, e Robert James Fischer - 1943/2008 - o 11º. Campeão do Mundo. Ah, sim, pra terminar sobre o amor de Alekhine ao Xadrez: seu gato de estimação - que por vezes que ficava no seu colo durante partidas seríssimas, tinha o nome nada mais nada menos do que "Chess"... Só faltava que esse gato - talvez preto com listas brancas ou branco com listas pretas - em vez de miar dissesse sempre: "Xeque-Mate"...



09- Certa feita, quando conversávamos sobre matches entre jogadores que viveram em épocas diferentes, você disse ser possível sim um jogador do passado enfrentar um jogador atual, dando seus lances através de um médium. Partindo desse princípio, embora ambos já estejam falecidos, como acha que seria um match entre Alekhine e Fischer?

Bem, sua pergunta entra num terreno meio difícil pra mim. Primeiro, sou um ex-seminarista, o que pressupõe que tive uma educação religiosa muito rígida. Hoje, não sou um agnóstico, mas meu Deus é o Deus de Spinoza, o grande filósofo holandês. Não quero discutir este tema. Sua pergunta entra no tema do espiritismo, que não é de meu credo, mas que respeito também.

Korchnoi jogou uma partida com o além, se é assim que eu possa me expressar. Através de um médium, ele enfrentou um grande jogador do passado, da elite, Geza Maróczy, nascido na Hungria em 3 de março de 1870 e falecido em Budapeste em 28 de maio de 1951. Ele, repito, era da elite, tendo enfrentado todas as feras da época - basta ver seu período de vida - de Capablanca, Lasker, Alekhine e cia. Aliás, ele criou a MARÓCZY BIND, que nasce da Dragão Acelerado, com Peões brancos em c4 e e4, depois da troca do Peão "c" das Pretas. Reuben Fine, o Grande Mestre americano, a considerava muito forte para as Brancas. Maróczy foi engenheiro, professor de aritmética e de geometria descritiva; recebeu vários prêmios de brilhantismo e era um expert na teoria de aberturas. Bem, voltemos ao presente. Através de um médium - que nada conhecida de Xadrez, é bom que se destaque - jogou uma partida com ele... E ganhou. Eu tenho esta partida nos meus alfarrábios. É digno de nota que o médium nada entendia do jogo e citou, durante a partida, um nome de um enxadrista daquela época, que depois foi confirmado ter existido. Digo isto para valorizar o processo. Se é verdade, ou não, não cabe a mim julgar, mas a história do Xadrez registra o encontro. Se me fosse dada a chance de jogar algo assim, eu não teria dúvida na escolha de meu Mestre: Alekhine me ensinaria uma lição...

Aliás, eu já joguei num tabuleiro em que Alekhine, Lasker, Capablanca, Tartakover, Nimzowitsch e outros mais já jogaram: trata-se de um tabuleiro de mármore, que ficava na famosa praça George Washington, em Nova York, perto da Universidade Columbia e de Greenwich Village. Nos intervalos de um torneio, tais mestres se divertiam por ali e um amigo meu, ex-Diretor Executivo da United States Chess Federation - USCF - da qual sou sócio, Al Lawrence, ganhou este tabuleiro de presente e o levou para sua casa, em New Windsor - NY - onde eu me hospedava e ali joguei.

Finalmente, sua pergunta sobre um eventual match Alekhine x Fischer. Que espetáculo seria isso, não? Pressupondo ambos no auge de sua força, quem sairia vencedor? Posso estar errado, mas eu jogaria minhas fichas em Alekhine. Não só por ser o meu mestre favorito, mas por sabê-lo uma sumidade impressionante. É interessante que ambos tiveram um final de vida lamentável: Alekhine morrendo num hotel barato em Lisboa e Fischer agonizando num hospital em Reykjavic, na Islândia. Triste fim de dois gênios do tabuleiro - não nos esqueçamos que, no final da vida, em 1941, Emanuel Lasker, com problemas financeiros, jogava partidas a 50 centavos de dólar nas ruas de Nova York e eu pagaria, de bom grado, 50 dólares para um match de 100 partidas e tenho certeza de um placar de 99,5 x 05. Eu - talvez! - empatasse uma... Bem, se este negócio de jogar Xadrez depois da morte for verdade, eu espero ter meu lugar reservado, como um sapo fanático, assistindo a algumas imortais ao som de harpas e incenso de turíbulos...



10- Decreto que a partir de hoje, dia 27 de dezembro de 2017, fica oficialmente instituída a modalidade "Xadrez do Além", na qual qualquer enxadrista terreno pode enfrentar mestres já falecidos dispostos a um embate sobrenatural. Teremos regras, claro, pois as partidas não poderão demorar sete anos como demorou a de Korchnoi contra Maróczy. Nesse aspecto, qual sua modalidade preferida para jogar? Xadrez Postal, Clássico, Rápido, Blitz, Cibernético ou do Além? Costuma jogar online?

Então fica a confirmação: 27 de dezembro, dia do "XADREZ DO ALÉM"... Eu, honestamente, não acredito que isto exista, mas... Quem sabe? De qualquer maneira, se der uma chance, gostaria de jogar com Alekhine. Ou qualquer outro do passado - e posso citar dezenas... Já imaginou o que seria jogar com Paul Morphy? Já traduzi um livro sobre o 1º. Campeão Mundial Oficioso, PAUL CHARLES MORPHY, nascido em 1837 em New Orleans, Lousiana, e falecido em 1884, aos meros 47 anos, o que, talvez para a época, já era uma idade meio avançada...

Quando ao tipo de Xadrez que gosto de jogar - e eu o faço todo dia, pela Internet, tendo mais de 2.000 anotadas - entre as modalidades oferecidas - Postal, Clássico, Rápido, Blitz, Cibernético e do Além... - já joguei muitos torneios postais - torneios que demoravam mais de 2 anos... - tal como Paul Keres o fez, no início de sua carreira. Hoje, acho que isto não existe mais, não com a velocidade estonteante da Internet. Xadrez rápido é bom - em média, 21 minutos/lado. Jogo isto na Internet. Não jogo Blitz, pois meu manuseio do mouse me leva a um permanente zugzwang... E quando tenho um bom lance, jogar uma Torre na sétima, a pressa me faz derrubá-la na sexta... Xadrez Cibernético... Só o faço contra programas que tenho no computador, mas são sempre partidas longas, de 2,5 horas/lado, o que me dá uma garantia maior de ser surrado a longo prazo... E, repito, o do Além, por enquanto é apenas uma notícia, a mim.

Por que jogo o Xadrez Clássico? Porque é o melhor. É onde existe muita emoção, curtida na análise cuidadosa. Certa feita, David Bronstein - o ucraniano, nascido em 19 de fevereiro de 1924 e falecido em 5 de dezembro de 2006 - que empatou um match com o "Patriarca do Xadrez Soviético", Mikhail Botvinnk - e de quem já traduzi dois livros: TORNEIO INTERZONAL DE ZURIQUE, 1953, e O APRENDIZ DE FEITICEIRO - antes de fazer seu primeiro lance, pensou por uns 45 minutos!!! Quando jogou 1) e4, foi aplaudido pela plateia e depois do jogo - que ganhou - quando perguntado sobre a razão de ter levado tanto tempo para fazer um primeiro lance lógico, respondeu que, durante os 45 minutos, ele estava pensando na próxima partida com um adversário muito forte e queria ter certeza de fazer a melhor abertura...

Tenho jogado Xadrez rápido no IXC, mas tenho enfrentado tantos programas que lamentavelmente não tenho prazer. Quanto ao Xadrez Clássico, somente nós, você, eu e tantos outros, podemos sentir a emoção de um jogador, numa partida séria e decisiva, levar 27 minutos analisando uma posição complicada e depois vir com um lancezinho de espera, um mero movimento de um Peão na coluna Torre do Rei... Quem, a não ser um enxadrista, verá nesse processo toda toda uma trama assassina, um esquema criminoso profundo e elusivo? Grande razão tinha um escritor - cujo nome não me lembro no momento - que declarou uma verdade axiomática: "Deve ter havido uma época em que os homens eram semideuses; foi quando inventaram o Xadrez". Assino embaixo.



11- Eu já acredito que o Xadrez foi criado por inspiração divina, um presente de Deus para os homens. Mas nem tudo são flores... Carrego comigo uma tristeza e decepção muito grande que é, por conta da dependência financeira do meu trabalho, não ter tempo suficiente para estudar, para melhorar e me envolver com o jogo como gostaria. Com relação ao Xadrez, possuí alguma decepção ou alguma lembrança desagradável que tenha vivenciado?

Eu também lamento que não tenha mais tanto tempo restante para me dedicar ainda mais ao jogo que tanto amo. Quero crer, no entanto, que já tenha dado suficiente demonstração de meu amor incondicional a essa maravilha, que tanto encanto e prazer nos dá, mesmo que seja uma derrota, pois é sempre útil vê-la sob o aspecto lúdico e o reconhecimento explícito da superioridade do adversário. Minha colaboração se firma nos mais de 40 livros que já traduzi e no que eu mesmo escrevi, desconhecido de todos - O TABULEIRO DE SHERLOCK HOLMES - onde compus 11 histórias mesclando o tema policial com o jogo. Orgulho-me do que compus, muito embora seja um ilustre desconhecido da literatura nacional...

Meu amor ao jogo é tanto que eu não consigo me ver sem ter contato diário com ele, quer lendo, traduzindo, escrevendo e jogando. Já até mesmo sonhei com partida em andamento... E aí eu diria que foi pesadelo porque tinha mate em 2 e sofri mate em 1...

Sobre o fato de ter tido decepção ou alguma lembrança desagradável, permita-me falar, rapidamente, primeiro sobre alegria: foi ter coberto o Campeonato Mundial de 1990, em Nova York, onde pude conviver com grandes nomes mundiais. O fato de ter sido apresentado a Mikhail Tal foi o ápice da alegria e, mesmo tendo conhecido, na mesma época, sendo apresentado a ele, Anatoly Karpov, a emoção ficou com o Mago de Riga. O Diretor Executivo da USCF - United States Chess Federation - já incluiu meu nome entre os amigos que ele fez no Xadrez e isto é um reconhecimento de minha dedicação ao tema O fato de ter vencido o então campeão mineiro, Adriano Caldeira, também me deixou num estado de total euforia e, embora tenha sido numa simultânea, entre seus 32 adversários ele ganhou 31... Não lamentei ter estragado seu score perfeito.

Quanto ao aspecto de decepção e/ou lembrança desagradável, quero crer que todos já tenham passado por isso. Um enxadrista, de certo nome nacional, hospedou-se certa feita em minha casa e só fui dar falta de alguns livros de Xadrez bem depois de sua partida... E havia um jogador, romeno, e digo seu nome porque já morreu - e dos mortos só se deve falar e verdade, conforme disse Byron - Alexandre Sorin Segal. Grande jogador, mas um ser humano desprezível. Quando do torneio da AABB, que eu realizei em 1990, com a presença maciça de tantos nomes nacionais, nós demos a alguns nomes expoentes algumas vantagens como hotel gratuito, refeições gratuitas. Ele foi um dos premiados. E ali, no torneio, estava ele vendendo uma rifa, de um produto qualquer de Xadrez. Vendeu todos os bilhetes, menos um... E eu sugeri - apenas sugeri - a ele que desse tal bilhete à organização do torneio... E ele se recusou! Eu fui suficientemente rude com ele, dizendo a verdade que se impunha, sua ingratidão e cobiça, e que nunca mais o convidaria a participar de futuros eventos. Cumpri minha palavra, palavra que ele aguentou em silêncio, sem uma argumentação válida e honesta...

No mais, esquecendo tais detalhes infelizes - ah, sim, um jogador gaúcho comprou um computador, que enviei, e "se esqueceu" de pagar, apesar das cobranças educadas. Tive que mandar um representante até sua casa para "sequestrar" o aparelho. Mais tarde ele recebeu uma comunicação minha. Imaginem o que escrevi...

Assim, entre todos os percalços e alegrias, prefiro estas últimas, pois tenho conhecido gente de boa índole. Para terminar, conto algo que me foi contado: Al Lawrence, amigo meu e ex-Diretor Executivo da USCF, contou-me que certa feita recebeu um telefonema de um jogador famoso pedindo um valor emprestado para pagar hotel, ou seja lá o que for. Empréstou e nunca mais viu a cor do dinheiro. Um belo golpe Ponzini... E o jogador é um russo, morando na América, chamado Dindidzishavili ou qualquer coisa parecida...

E no livro sobre Fischer, que traduzi a seu pedido, ENDGAME, leia sobre um jogador formidável, mas marginal de primeira categoria: WHITAKER. Tipo do sujeito que se deve evitar, por dois bons motivos: primeiro, por sua imoralidade de conduta e, segundo, pelo mate certo que nos aplicaria na oitava!!



12- O universo do Xadrez é predominantemente habitado por cavalheiros, pessoas educadas e sensatas. Pessoas de má índole não se adaptam ao jogo, mas claro, tal como citou, existem exceções. Sobre suas traduções, acho que fui um dos poucos privilegiados que leu EndGame traduzido para a língua portuguesa. E cito que, também por conta de meu interesse, foi um dos melhores livros que já li, aquele cuja leitura consegui me prender e entreter. Com relação as suas obras, criações e traduções, pergunto o que vislumbra para um futuro mais distante? O que pretende e o que acha que será delas?

Aperta-me o coração ter que responder, com honestidade, o que vislumbro para um futuro mais distante a respeito de minhas criações e particularmente das traduções. Vislumbro um futuro apagado, esquecido nas sombras da ingratidão, com a mortalha do descaso e o véu da ignorância. Como você mesmo disse ao ler a tradução do livro de Frank Brady, que fiz da biografia de Bobby Fischer - e a fiz por sua insistência, pelo que agradeço de verdade - foi um trabalho feito com muita dedicação, cuidado, pois o autor apresenta muita coisa que é de desconhecimento do leitor brasileiro como, por exemplo, dizer que ele, Fischer, quase foi vítima de um Golpe Ponzi... E que seria isso, meu amigo? Tive que colocar uma observação de pé de página - e o livro está recheado de situações semelhantes. Você, que se encantou com a obra - tal como eu, o tradutor, também me encantei e trabalhei incessantemente nas 555 páginas com muita garra e emoção - pode até ver que quando Brady fala sobre o segundo match de Fischer com Spassky, na extinta Iugoslávia, ele comete um erro de contagem e eu, que modestamente conheço tudo, corrijo a informação, dando a correta...

O que acontecerá com as obras que traduzi - ou escrevi? Nada. Não vão ficar em permanente zugzwang numa gaveta qualquer, ou na estante, pois eu sempre mando encadernar as produções, para minha coleção particular. Como seria bom que os enxadristas brasileiros pudessem lê-las e encontrar a emoção pulsante em cada página! Mas, isto é quimera, é sonho de verão... É pesadelo de madrugadas vazias.

Ontem, dia 1º de janeiro de 2018, iniciei a tradução de mais um livro - desta feita, a última produção de Jan Timman, o enxadrista, depois de Max Euwe, mais famoso da Holanda e coincidentemente fazendo aniversário junto comigo! Seu livro - TIMMAN'S TITANS - My World Chess Champions - tem 332 páginas de deliciosas memórias de seu relacionamento e jogos com os grandes do jogo, de Botvinnik a Kasparov - a única exceção que ele faz é com o 4º Campeão do Mundo, Alexander Alekhine, que ele não chegou a conhecer, pois o russo morreu em 1946, ostentando o título mundial, e Timman nasceu 5 anos depois, em dezembro de 1951. Creio que eu deva demorar uns 3 meses no delicioso trabalho da tradução - sim, delicioso, jamais estafante ou monótono. Depois de manuscruver tudo - e eu só consigo trabalhar manuscruvendo o que faço - vou para o computador, digito, mando encadernar e guardo...

Encerro o tema, meu caro, dizendo que não vejo futuro para o Xadrez nacional. Vide o caso de nosso próprio e querido CIX, fundado em 1971... E quem se importa com ele, a não ser os abnegados de sempre? Se não fosse por você - e seu pai - nem lugar nós teríamos para eventuais relâmpagos sob o jugo espartano de um relógio!!

Assim, minhas obras e minhas traduções têm um destino certo: o esquecimento. Nada posso fazer a respeito. Mas, sou teimoso e não aceito um ataque na ala de meu Rei sem me defender com alguns Peões corajosos e, com as bênçãos de algum Bispo ativo, conseguir um empate milagroso de última hora...



13- Infelizmente moramos no brasil – merece o “b” minúsculo – grande mestre internacional de criminalidade, homicídios, impunidade, corrupção e descaso com a saúde pública, tudo isso além de manter o troféu de campeão absoluto na cobrança de impostos. Não poderia mesmo o Xadrez se mesclar a essa realidade pois, ao contrário dela, no tabuleiro existe coerência, justiça e lei. O que você acha de tão portentosos títulos?

Infelizmente estamos atravessando uma crise séria, por culpa exclusiva da incompetência de nossos dirigentes. Eu, por ter mais de 70 anos, livre-me de uma tarefa ingrata: votar nessa corja que se locupleta às custas de seus eleitores. Onde quer que ponhamos a mão, há uma ferida purulenta, que sangra e dói. Este país, que já ostentou o título ridículo de "país do futuro", hoje é uma sombra do passado, e uma sombra manchada e descolorida. Causa-me espanto ver que, depois da mazelas perpetradas pelo que corretamente se denominou ORCRIM - Organização Criminosa - ainda muitos merecem o apoio de eleitores insensatos. Esses títulos, por você mencionados, são vergonhosos, são máculas, cicatrizes indelévels, feridas purulentas e certamente incuráveis. Incuráveis enquanto não forem tomadas imediatas, urgentes e drásticas medidas. Serei eu um radical? Pouco me importa a classificação - o que eu quero e gostaria de ver é o país que conheci no passado, no que me orgulhava de ter nascido aqui. Hoje, sinceramente, eu me envergonho de tudo - e veja bem, eu tenho experiência internacional para sentir a miséria moral desta nação.

Como é possível saber que há mais bibliotecas em Buenos Aires do que em todo o Brasil? Hoje o que faz sucesso na música é lixo tipo funk, axé, rap e tanto bagulho - ou brulho - musical que merece especiais de fim de ano! Qual prêmio? Nem um nós temos. A Alemanha tem 102 e isto justifica um doloroso 7 x 1!! Assim, que espero eu com minhas traduções de Xadrez? Como eventuais criações em qualquer campo? Eu tenho um livro - de Xadrez - publicado. Quem o conhece? Quem o leu? E a tradução, feita com tanto carinho e, convenhamos, competência, que fiz da biografia de Robert James Fischer? Quem se interessou por isso? Distribuí 3 cópias - uma, a você - e foram os únicos 3 leitores que a obra mereceu. Pra não chorar, eu fico rindo. E este riso é uma demonstração inequívoca de um sistema nervoso abalado...

Infelizmente, meu caro, estamos condenados à masmorra de história. Eu penso na minha família, nos 4 netos que tenho, aos quais eu me dedico com carinho e preocupação. Eu quero que eles tenham pelo menos uma chance de uma vida honrada e digna, características pelas quais sempre lutei na minha faina diária. Não sei se deixarei a eles um país com possibilidades. A figura é ridícula, mas verdadeira: a melhor saída do Brasil é pelo aeroporto, e isso enquanto essa marginalidade dominante tiver o poder nas suas mãos conspurcadas pela corrupção, pela imoralidade, pelo desrespeito a tudo e a todos. E pensar que tantas figuras condenáveis ainda se arvoram em salvadores da pátria! É uma piada, se não fosse uma dor...



14- É triste ter que assumir que não há nada o que fazer. Manifestações nas ruas? De nada adiantaram. Protestos em redes sociais? Há anos que se protesta e nada acontece. Intervenção militar? É utopia, jamais acontecerá. Tudo isso sem considerar os milhões de analfabetos políticos brasileiros que elegerão a mesma corja novamente. Ainda bem que existe o Xadrez, um mundo mágico e justo dentro do qual conseguimos adentrar sempre que desejamos. Nesse tocante, gostaria que você, como profundo conhecedor dos encantos do tabuleiro, indicasse para nosso deleite algumas jóias, como são conhecidas as criações que fascinam pelo brilho e beleza que possuem.

Temos, sim, felizmente, a fonte saudável, borbulhante e inesgotável do Xadrez para nos acalantar dos problemas da vida. Toda vez em que vou jogar uma partida, eu me lembro das palavras de David Bronstein, que se encanta com a possibilidade de criar, ali, uma joia cintilante, afinal, convenhamos, o tabuleiro é uma mina encantada, onde a pedra valiosa está escondida nas 64 casas, bastando que a descubramos e, depois de poli-la com o cinzel do talento, teremos uma chama coruscante de beleza e eternidade. Feliz aquele que consegue encontrá-la numa combinação profunda, elegante e irrefutável.

Eu estou aposentado já há 28 anos e nesse tempo todo tenho me dedicado, full time, ao Xadrez, que só me traz alegria, mesmo nas derrotas, que não me são dolorosas, mas são lições de uma tática superior. Eu não consigo me ver sem manter um romance ardente com as duas Damas... E em caso de um flagrante, monto no Cavalo e fujo... Escondo-me numa Torre qualquer, num canto solitário da ala do Rei ou da Dama... Nada de zugzwang comigo!!

Você me pede que eu mostre a maior partida que conheço. Veja bem que temos milhões, milhões e milhões de jogos, mas há uma que me encantou em demasia, desde que a vi e a analisei. Falo sobre ela. No ano de 1895, foi realizado mais um torneio em Hastings, na Inglaterra - sempre no final do ano. Esse torneio, que se tornou famoso, foi vencido pelo norte americano Harry Nelson Pillsbury - nascido em dezembro de 1872 e falecido em janeiro de 1906, um talento raro, precocemente falecido aos meros 33 anos. Houve a participação maciça de todos os grandes nomes da época - devido, talvez, à escassez de eventos, no período. De todos os talentos da época, ali estava Wilhelm Steinitz... Steinitz, primeiro campeão mundial oficial do mundo, nascido em Praga, em maio de 1836 e falecido em Nova York em 1900 - coincidentemente, o primeiro campeão do mundo a morrer com 64 anos - lembre-se das casas do tabuleiro - gesto imitado 108 anos depois por Bobby Fischer - A partida a que me refiro foi jogada entre Steinitz e Curt von Bardeleben, um mestre alemão, nascido em 1861 e falecido em 1924. Cabe registrar que, após sua estonteante derrota para Steinitz, seu Xadrez entrou em decadência e 19 anos mais tarde ele se suicidou, pulando de uma janela... Como você bem sabe que "janela" em francês é "fenêtre", podemos dizer que o mestre alemão "se defenestrou"...

Complemento dizendo que, após o estonteante lance das Brancas, o alemão saiu do salão pisando duro, recusando-se a responder e não mais voltando para terminar a partida - partida em que foi derrotado de uma maneira esplendorosa. Você vai ver, no lance 22, um dos maiores lances que eu já vi no Xadrez, algo do outro mundo, pelo delicado da posição. Comento no momento oportuno. Vejamos agora essa gema imortal:

Branças: Wilhelm Steinitz
Pretas: Curt von Bardeleben
Torneio de Hastings, 1895
Abertura Giouco Piano (Italiana)

- | | | |
|---------------|---------------|---------------|
| 1) e4 e5 | 8) exd5 Cxd5 | 15) De2 Dd7 |
| 2) Cf3 Cc6 | 9) 0-0 Be6 | 16) Tac1 c6 |
| 3) bc4 Bc5 | 10) Bg5 Be7 | 17) d5 cxd5 |
| 4) c3 Cf6 | 11) Bxd5 Bxd5 | 18) Cd4 Rf7 |
| 5) d4 exd4 | 12) Cxd5 Dxd5 | 19) Ce6 Thc8 |
| 6) cxd4 Bb4 + | 13) Bxe7 Cxe7 | 20) Dg4 g6 |
| 7) Cc3 d5 | 14) Te1 f6 | 21) Cg5 + Re8 |

Aí temos a posição em questão. Quem a olhar, sem conhecer seu futuro, poderá, com muita razão, dizer que as Brancas estão irremediavelmente perdidas. Basta analisar o material que temos: as Brancas tem 10 peças e também as Pretas têm 10, mas as 4 peças Brancas estão ameaçadas e são as únicas peças que elas têm, no ataque! O Rei branco está afogado, existe a ameaça imediata de mate com TxT, o Cavalo está atacado, a Dama está atacada, a Torre em 7e está atacada. As Pretas têm um Peão passado. Quê fazer numa situação horrível como esta? E aí dá-se o milagre! Um milagre que vira a mesa e transforma o jogo numa partida imortal... Oh, sim, Deus estava de bom humor naquela manhã de dezembro...



22) Txe7+ !!!

Neste momento, Bardeleben saiu do salão, pisando duro, não mais voltando. Não me espanta que, depois dessa derrota acachapante, tenha entrado em parafuso, defenestrando-se mais tarde, jamais se recuperando do terrível golpe que sofreu.

Normalmente, para um belo lance, costuma-se dar dois pontos de exclamação. Eu não me contento com menos de 3! A partir daqui, é ferro e fogo, é água morro abaixo, é fogo morro acima. Eu até mesmo chego a entender por que o alemão se sentiu tão mal...

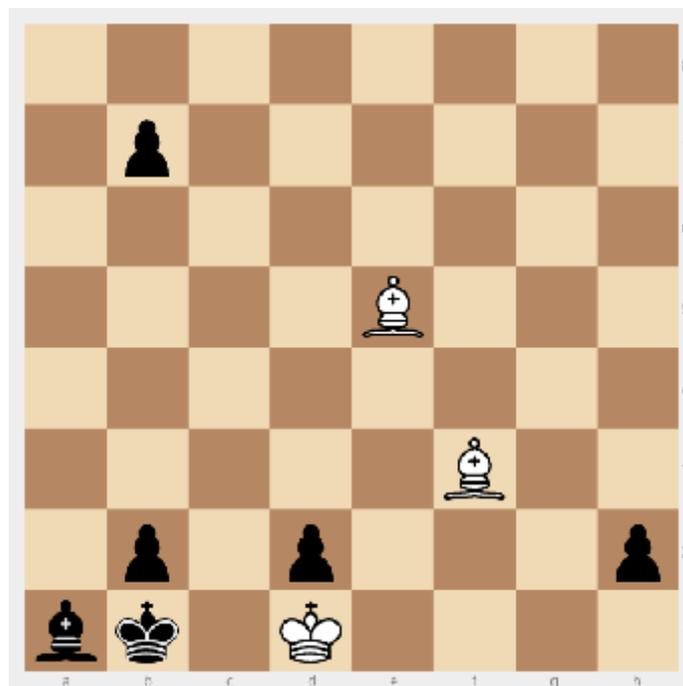
22) Rf8 23) Tf7 + Rg8 24) Tg7+ Rh8 25) Txb7 +
Se 25) ... Rg8 26) Tg7 + Rh8 27) Dh4 ++
Se 25) ... Rf8 26) Ch7 + Rxt 27) DxD + etc.

Não é uma partida magnífica? Termino repetindo as palavras do vencedor, Wilhelm Steinitz, ao receber congratulações por sua magnífica posição:

_ Posso ser um velho leão, mas se alguém puser o dedo em minha boca, eu o arranco com uma dentada!

Vejamos agora um final artístico. Eu tenho milhares de espécimes, de todos os grandes compositores. Escolhi este, que é muito bonito, do compositor soviético Nadareishvili, pelo final artístico que ele tem e, ao mostrá-lo, conto um detalhe de vaidade...

A solução não é muito fácil, mas bem possível...



1) Bd6 b5
2) Bb4 Ra2
3) Bd5 + Rb1

4) Rxc2 h1=D
5) Bxh1 Ra2
6) Bd5 + Rb1

7) Ba3 ! b4
8) Bb3 bxa3

Nesta altura, o autor, Nadareishvili, informa os dois últimos lances:

9) Bg8 a2

10) Bh7 ++

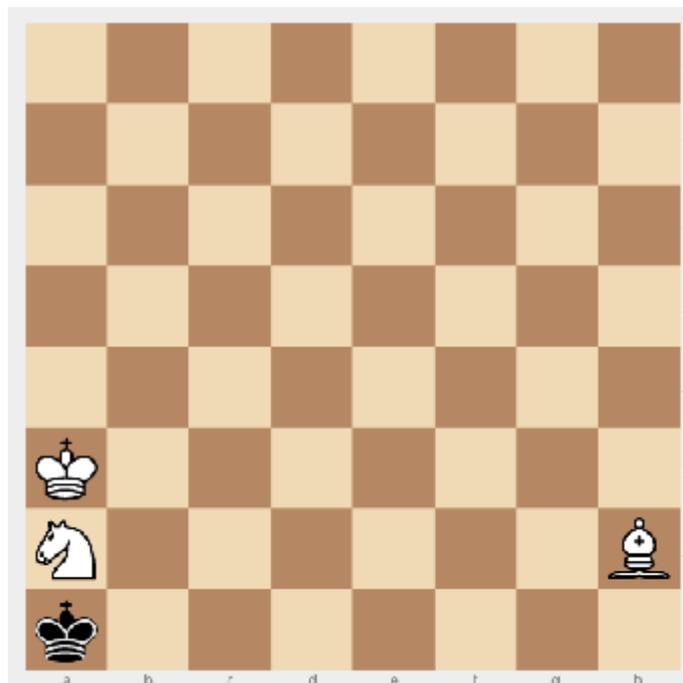
Claro que o Bispo branco tinha à sua disposição as seguintes casas, para o nono lance: Bc4, Bd5, Be6, Bf7 e Bg8, ou seja, 4 lances, com mate em seguida. Eu, porém, achei uma outra forma, com o nono lance:

9) Rc1! a2

10) Bc2 ++

Acho que ficou mais bonitinho...

Finalmente, vejamos um problema de mate. Escolhi uma obra do grande Sam Loyd - 1841/1911 - um mate em 5. Loyd sempre me encantou pela sua criatividade, muito embora ele não fosse um adepto full time da composição enxadrística. Já imaginou se o fosse??



Solução:

1) Bd6 Rb1
2) Rb3 Ra1

3) Ba3 Rb1
4) Cc3 + Ra1

5) Bb2 ++

Com estes exemplos dados, você pode ver que eu tenho um acervo nababesco, onde posso me divertir sem nunca me cansar, sem nunca esgotar o butim maravilhoso que tenho... Sou um privilegiado!!

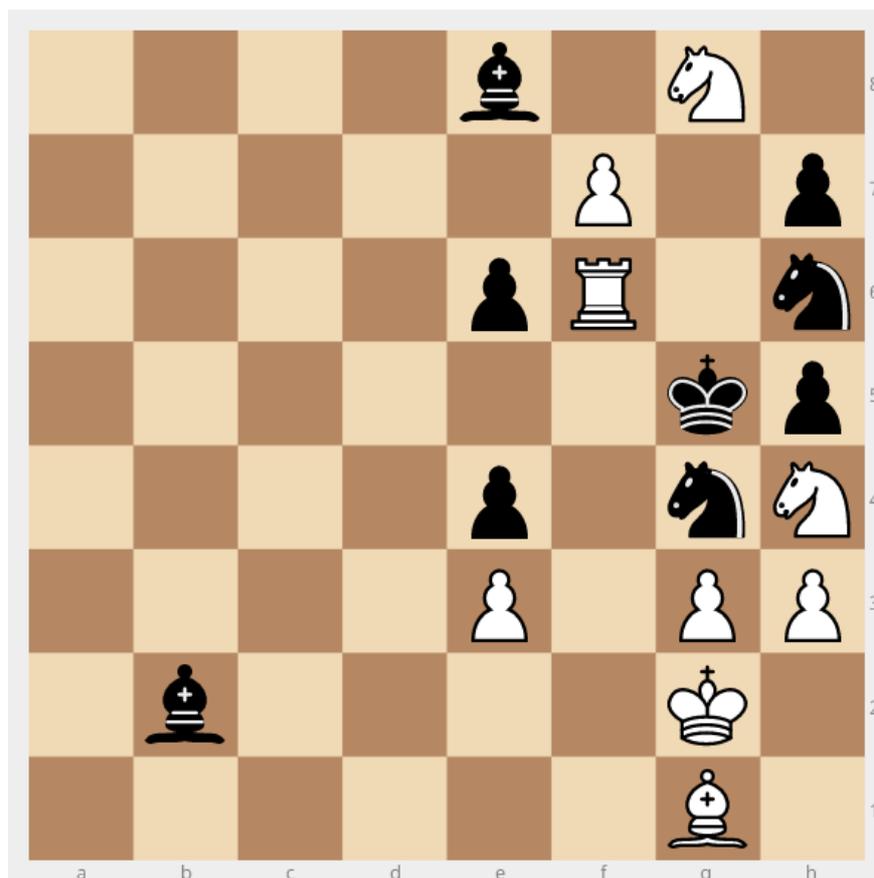


15- Se o Gênio da Lâmpada aparecesse bem na sua frente e concedesse para você a realização de três desejos, quais seriam? Não vale dizer que gostaria de ser um GM e fazer parte da elite mundial do Xadrez, porque sabemos que já faz parte da elite mundial da sua rua. Desembuche, mas com sinceridade...

Se eu encontrasse um Gênio da Lâmpada e fosse aquinhoadado com a realização de 3 pedidos? Não seria dinheiro, pois que ele teria que tornar-se um falsário - ou tirar de alguém - e eu vítima de investigação policial, fora o verdugo do Imposto de Renda. Não seria uma conquista amorosa, pois estou casado com a mulher de meus sonhos já há 45 aninhos, mãe de meus filhos e avó de meus netos. Não seria a paz mundial, pois não tenho pretensão de salvador da pátria e seria fantasia.

Resta-me o bom-senso de pedir saúde - não que eu não a tenha, mas que seja conservada - para mim, meus netos e meus amigos - não para a humanidade inteira, pois estaria prejudicando o serviço dos médicos, hospitais, farmácias e afins. Em segundo lugar, que nenhuma desgraça, em todos os sentidos, me atinja e, conseqüentemente, aos familiares e amigos. E terceiro - e aí é um desejo ardente - que eu tenha capacidade para criar finais e/ou problemas de Xadrez do mais alto nível. Quando vejo um final de Xadrez, ao resolvê-lo ou ver sua solução, fico em estado de graça e penso: "Oh, por que eu não consigo criar isso??".

Até hoje, só consegui criar um mate em 2 - vide abaixo. E sei que milhares e milhares de belos finais estão aí, nesse tabuleiro que é um templo de respeito, onde venero a Deusa Caíssa, sou seu acólito devoto e a adoro com fervor. Uma centelha de inspiração, por pequena que seja, seria o corolário do desejo, a realização suprema da vontade e o sonho se tornando realidade. Muitos podem achar que seja uma idiotice pensar isto. Aceito o veredicto e cumpro a pena de prisão perpétua...





16- Foi um grande deleite realizar essa entrevista. Sabia que gostava muito de Xadrez, mas não imaginava tanto. Posso dizer que não conheço ninguém mais apaixonado pelo jogo do que você. Suas obras, traduções e escritos, o colocam como um dos maiores benfeitores do Xadrez nacional. Registro meus sinceros parabéns por tudo que faz pelo jogo e finalizo dizendo que o prazer proporcionado pelo Xadrez é um sentimento individual, solitário, pois a emoção vivenciada a cada lance nasce, cresce e morre dentro do jogador que o executou. Além dos lances, você encontrou outras formas de sentir essa emoção. Sim, é um privilegiado! Deixo a palavra livre para suas considerações finais.

Neste apagar de luzes desta entrevista, resta-me agradecer a honra de ter sido escolhido para respondê-la. Só fui entrevistado uma vez, quando participei, na TV Cultura, de uma mesa redonda, quando naturalmente falei sobre Xadrez, para total incompreensão dos participantes (sic...) e pregando no deserto. Veja bem que eu sou tímido e, quando alguém me vê pela primeira vez, não faz a mínima ideia do que eu eventualmente possa apresentar. Sou funcionário aposentado há 28 anos do BB, advogado - ter passado no vestibular em primeiro lugar é algo completamente sem importância, pois se fosse o último, também me formaria...

Sou professor de inglês, língua que ainda estudo, e isso há 54 anos - outra paixão que só me traz alegria. Já ganhei um concurso nacional de literatura - quando? onde? como? - nem respondo... Não vale a pena. Participando de um concurso internacional - Rádio Francesa - no meio de 967 participantes fiquei em 5º lugar - nenhum prêmio, pois apenas os 3 primeiros foram laureados... Já tenho livro publicado - já falei sobre isso - e tenho na gaveta continuação nos volumes II e II. Tenho outros livros prontos e devidamente encarcerados...

E quanto ao Xadrez, esta maravilha lúdica, "primus inter pares", já traduzi mais de 40 obras - Surpresa! Nenhuma publicada!! - e ainda tenho muitas pela frente, me aguardando. Espero ter ainda tempo de me dedicar a elas - se eu falhar, volto ao velho ditado que afirma que a vida é curta demais para o Xadrez e isto é culpa da vida, não do jogo... Sou intérprete e já viajei pelo mundo acompanhando turistas; em Londres, estive duas vezes, como intérprete de um grupo de empresários. Estou dizendo tudo isso para mostrar que aparentemente eu deva ter algum respeito por parte de quem me conhece. Não quero reconhecimento público. Quero a paz das madrugadas silenciosas de minha querida Itajubá para uma produção em massa, pois sinto-me bem trabalhando assim.

Numa palavra final, minha pausa se pauta pelo amor incondicional ao jogo, onde ousou dizer que me destaco; e me destaco não nas partidas, onde costumo sempre deixar uma peça "en prise", para gáudio do adversário, mas pela minha fiel dedicação em trazer para nosso idioma tantas obras de porte majestoso relacionadas com nosso jogo amado. E é a minha contribuição. É preciso, sim, e muito, que aquele que se aventura a uma tradução similar conheça o jogo nos seus meandros, mesmo que não o ame na mesma proporção. Certa feita, lendo uma tradução horrível de um idiota falando sobre Xadrez e versando sobre o famoso match Fischer x Spassky, na capital da Islândia, em 1972, o retumbante tradutor cometeu a barbaridade de dizer que o americano só aceitaria continuar o match se o russo jogasse com ele uma partida de pingue-pongue!! Oh, my God! Pingue-pongue? O sujeito leu "ping", no original, e lascou uma disputa de pingue-pongue! Não é de amargar? Certamente o cretino chama as peças de "pedras" e um "castle" nada mais é do que um "castelo" escondido num canto do tabuleiro... E deve ver o enxadrista como um ser de outro planeta... Ainda bem que alguém me pediu para consertar a tradução, feita ipsis litteris pela incompetência instituída... E toda essa porcaria é publicada impunemente por jornais e revistas - quer outro exemplo? Alguém andou chamando o "Gata Kamsky" de "ela", pelo primeiro nome!! Coitado do russo! - pouco se importando com um tema que, pelo que pensam, não interessa a ninguém e deve ser sempre publicado como uma relés nota de pé de página...

Mas, é isso aí, meu caro. Sofremos ataques de Torres, Cavalos, Bispos, Dama e Peões o tempo todo. E o ataque mais virulento é dos ignorantes de nosso jogo - é um ataque dolorido e não adianta que fiquemos contrariados, pois somos tidos como prima-donas cheias de chilique... Numa partida, o lance BxPT + tornou-se um sacrifício clássico, feito por todos, quando surge a chance. Como ninguém ainda se aventurou a se considerar o progenitor de tal lance, venho apresentar minha reclamação por sua invenção, exigindo meus direitos autorais irrevogáveis...

Uma vez mais, grato por tudo. Fui honesto, como honesto deveria ser, nas minhas respostas. Espero ter contribuído, uma vez mais, para o engrandecimento do Xadrez, a obra-prima de um Deus que, generoso no passado, legou-nos algo que transcende qualquer classificação, pela sua beleza eterna, pelo seu desafio excepcional, pela alegria incondicional que nos proporciona e pelos momentos inolvidáveis num ataque bem sucedido.



Obras produzidas:

- 1) A MAGIA DO XADREZ (Já publicado no P4R, item 37).
- 2) A DAMA DA DISCÓRDIA (História de suspense, com o Xadrez como pano de fundo).
- 3) CANTOS DE CAÍSSA (Volume com crônicas de Xadrez).
- 4) XADREZOTAS (Livro com anedotas de Xadrez).
- 5) O TABULEIRO DE SHERLOCK HOLMES (11 contos de Xadrez, 3 volumes, primeiro já publicado).
- 6) O VISITANTE DA NOITE FRIA (Uma história do maior enxadrista local (Paulo Ferraz do Reis) em 115 páginas).
- 7) TABULEIRO ZERO (Coleção de minhas partidas, de 1973 a 1996 - 2 volumes).

Obras traduzidas:

- 1) OS PRAZERES DO XADREZ
- 2) BOTVINNER X BRONSTEIN - 1951
- 3) XADREZ SOVIÉTICO
- 4) AS PARTIDAS IMORTAIS DE CAPABLANCA
- 5) COLEÇÃO DE ESTUDOS DE A.A. TROITZKY
- 6) 2º MATCH FISCHER X SPASSKY
- 7) OS IRMÃOS PLATOV
- 8) KRAMNIK X FRITZ
- 9) TORNEIO INTERNACIONAL DE NOVA YORK - 1924
- 10) MARAVILHAS E CURIOSIDADES DO XADREZ
- 11) FRANK MARSHALL - Campeão dos Estados Unidos
- 12) AS GRANDES PARTIDAS DE EMANUEL LASKER
- 13) AS PARTIDAS MAIS INSTRUTIVAS DE XADREZ JÁ JOGADAS
- 14) MIKHAIL BOTVINNER - Vida e partidas de um campeão do mundo
- 15) OS GRANDES TORNEIOS DE XADREZ E SUAS HISTÓRIAS
- 16) MARAVILHAS DO XADREZ
- 17) ALEXANDER ALEKHINE - 1902 - 1946
- 18) PRÊMIOS DE BELEZA NO XADREZ
- 19) 12 HOMENS DE OURO
- 20) 200 FINAIS BRILHANTES
- 21) TORNEIO INTERNACIONAL DE VIENA - 1922
- 22) FINAIS FANTÁSTICOS DE CAPABLANCA
- 23) ASNEIRAS E BRILHANTISMOS
- 24) AS MELHORES PARTIDAS DE GARRY KASPAROV
- 25) TABULEIRO MÁGICO
- 26) SAMUEL LOYD - Sua história e seus melhores problemas
- 27) MISTÉRIOS DE XADREZ DE SHERLOCK HOLMES
- 28) PAUL MORPHY
- 29) CAMPEONATO DO MUNDO - 1948
- 30) TAL - CAMPEÃO MUNDIAL
- 31) FINAL DE PARTIDA - Biografia de Bobby Fischer - 3 volumes
- 32) TORNEIO INTERZONAL DE ZURIQUE - 1953
- 33) GIGANTES DA ESTRATÉGIA
- 34) JUDIT POLGAR - PRINCESA DO XADREZ
- 35) TIGRAN PETROSIAN - Campeão Mundial de Xadrez
- 36) ESTUDOS COMPLETOS DE GERIKH KASPARYAN
- 37) TORNEIO INTERNACIONAL DE XADREZ - MOSCOU, 1936
- 38) AS 100 MELHORES PARTIDAS DE XADREZ DO SÉCULO XX
- 39) LEONID KUBBEL
- 40) MITROFANOV
- 41) FINAIS PRÁTICOS DE XADREZ
- 42) BOBBY FISCHER - Carreira e partidas
- 43) OS LANCES MAIS IMPRESSIONANTES DE TODOS OS TEMPOS
- 44) DIÁRIOS DE ELISTA
- 45) DUELOS DE XADREZ
- 46) FINAIS ARTÍSTICOS
- 47) TAL X BOTVINNER - 1960
- 48) VIDA E PARTIDAS DE MIKHAIL TAL
- 49) GAMBITOS SINISTROS
- 50) TITÃS DE TIMMAN - Meus Campeões Mundiais de Xadrez (em andamento)

Abaixo, segue uma partida jogada em por Adailton em 2004, enfrentando o enxadrista americano Cornpawn, da cidade de Stoneville, Carolina do Norte.

BRANCAS: Adailton J. Chiaradia

PRETAS: Cornpawn

12 de setembro de 2004

- | | | |
|--------------|----------------|----------------|
| 1. e4 g6 | 16. Tb1 Dc7 | 31. Bxa bxa |
| 2. d4 Bg7 | 17. h3 T(h8)d8 | 32. Ba6 ! T8d6 |
| 3. Cf3 Cf6 | 18. Be3 Cd7 | 33. Tb1 Cd7 |
| 4. Cc3 d5 | 19. c3 Cf6 | 34. Tb7 De7 |
| 5. e5 Ce4 | 20. a4 Bh2+ | 35. Ta7 Dxa4 |
| 6. Cxc exC | 21. Rh1 Bf4 | 36. Tb1 T2d5 |
| 7. Cg5 e5 | 22. Bd4 e5 | 37. Rh2 g5 |
| 8. e6 ! Bxe6 | 23. Be3 Rg7 | 38. Tb6 Rf6 |
| 9. CxB fxC | 24. Rg1 Td6 | 39. Bb5 Dd8 |
| 10. Dxc Cd7 | 25. De2 T8d8 | 40. T6b7 Rf5 |
| 11. Dd2 Cxc | 26. Tfe1 b6 | 41. BxC TxB |
| 12. Bb5+ Rf7 | 27. Tbc1 e6 | 42. Db6 T5d6 |
| 13. Db4 Tc8 | 28. b3 h6 | 43. g4+ ! Rf6 |
| 14. O-O a5 | 29. b4 Bxb | |
| 15. Dc1 Be5 | 30. DxB d2 | |

Se 43... Rg6 44. TxT TxT 45. Dxe6+ Rh7 46. TxT+ DxD 47. DxD+ ganhando.

44. Dd8+!! TxD

Se 44... Rg6 45. Dg8+ Rf6 46. Dh8+ Rf7 47. Ta8 ganhando.

44. Tf7+ Rg6

45. Tg7+

1-0



Posição depois de 42... T5d6